

SOFRIMENTO, ARTE E REDENÇÃO: A CENTRALIDADE DA MÚSICA NA METAFÍSICA SCHOPENHAUERIANA¹.

Suffering, art and redemption: the centrality of music in Schopenhauerian metaphysics.

Nilson Adriano da Silva²

Orientação: Prof. Dr. Thiago André Moura de Aquino³

RESUMO

Este artigo visa examinar como e por que a experiência estética, especialmente a musical, pode ser concebida como um recurso suspensivo temporário dos sofrimentos, à luz da filosofia de Schopenhauer. Enquanto cópia da Vontade, ela expressa a essência primordial que subjaz à realidade fenomênica. Entre as formas artísticas, é destacada como uma manifestação direta e universal capaz de transcender a esfera racional e de atingir o âmago do indivíduo, proporcionando alívio estético e existencial. Para Schopenhauer, o prazer estético não apenas ameniza o sofrimento inerente à condição humana, mas também oferece um momento de contemplação e reconexão com a essência da vida. A capacidade genial tem grande importância nesse processo; por ela, o artista traduz e facilita em sua obra as Ideias da realidade. Por ser o expresso puro da Vontade, a música assume um papel diferenciado das demais artes, sendo capaz de comunicar-se livremente, profundamente e atemporalmente com o íntimo humano.

Palavras-chave: Schopenhauer; Vontade; Arte; Música; Sofrimento

ABSTRACT

This article aims to examine how and why aesthetic experience, particularly musical experience, can be conceived as a temporary suspensive resource for suffering, in light of Schopenhauer's philosophy. As a copy of the Will, it expresses the primordial essence that underlies phenomenal reality. Among artistic forms, it is highlighted as a direct and universal manifestation capable of transcending the rational sphere and reaching the core of the individual, providing aesthetic and existential relief. For Schopenhauer, aesthetic pleasure not only alleviates the suffering inherent to the human condition but also offers a moment of contemplation and reconnection with the essence of life. Genius plays a significant role in this process; through it, the artist translates and facilitates the Ideas of reality in their work. As the pure expression of the Will, music assumes a distinct role compared to other arts, being capable of communicating freely, deeply, and timelessly with the human inner self.

Keywords: Schopenhauer; Will; Art; Music; Suffering.

1 Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Eduardo Nasser, na seguinte data: 25 de Março de 2025.

2 Graduando em Filosofia na UFPE.

3 Prof. do Curso de Filosofia da UFPE.

1 INTRODUÇÃO

Nos mais abertos às experiências artísticas, tocados em sua subjetividade por um apurado senso estético, talvez rapidamente esbocem para si o nosso traçado e estabeleçam obviedades. Para a agudeza de outros, substancialmente racionais, a pretensa clareza e valoração concreta, qualidades em que o artístico antepõe-se indocilmente, os lançará em terreno fértil para objeções. O que se mantém vivo nesses pontos de vista, designando investigações, de modo a equilibrar diversas compreensões do mesmo objeto, é a motivação que acompanha e desvenda, em somatório, o impacto filosófico expressivo das artes e da música sobre o homem. Inegavelmente, estas alavancam transformações e evoluções, posicionando e atualizando a consciência humana em seu papel cultural, entendendo o passado, ajustando o presente e predizendo o futuro.

De posse de tamanha influência, num sentido, e de uma eterna busca pelo preenchimento dos vazios do espírito, por outro, o homem comum, à medida de sua intuição, espelha-se na arte musical pela afinidade de seus sentimentos ou pela associação com algum momento, trazendo-o à tona para revivê-lo. No homem de gênio, o conteúdo da música adquire ampliações e vai além daquelas afinidades puramente sentimentais. Ante o seu acurado saber sobre o mundo, sobre as convivências, sobre as coisas e suas relações, o gênio ultrapassa a esfera da própria individualidade; seu conhecer exacerbado, detalhista, contíguo à sua imaginação, colhe da natureza, sob filtros artísticos, os atributos requeridos para satisfazer-se, e devolve um mundo mais condizente à exigência e sensibilidade de seu caráter.

Sob vestes pessimistas, Schopenhauer estabelece que a existência é totalmente dolorosa, e a música é a fonte mais frutífera de alívio. A música ultrapassa o irrefletido. Este alívio ou prazer estético é o elemento redentivo da dominação existencial do sofrimento. Sobre isso, diz Burnett:

Temos, portanto, um quadro final: o prazer estético elimina as penas da vida, tornando-as palatáveis, as dores mais profundas são amenizadas pelo poder da representação pura: “Por isto, com ele este não se torna, como ocorrerá com o santo dotado de resignação, como veremos no próximo livro, quietivo da Vontade, salvação eterna, mas apenas por momentos da vida, e ainda não se constitui na via para além desta, mas apenas um consolo em seu bojo” (BURNNET, 2012, p. 162).

Nesses termos, a alegria artística serve de consolo para as “penas da vida”, e desta afirmação, retiramos o problema de nosso artigo: como a experiência estética, especialmente a musical, pode ser concebida como um meio de suspensão temporária dos sofrimentos.

Não somente pelo peso estético, as expressões artísticas são importantes, mas por originarem-se de algo mais agudo que, de sua condição inatingível, oculta-se em nosso próprio recôndito. Schopenhauer, n’*O mundo como vontade e como representação*, conclui que um fundamento, um impulso cego e irracional, atua no interior das coisas, nos seus corpos, reinos e na subjetividade através da hierarquização de sua realização: a *Vontade*⁴. O ápice de sua efetividade se dá no

4 Símile a utilização de Jair Barboza na obra MVR, vontade com V maiúsculo refere-se à vontade geral, fundamento do mundo. Com v minúsculo, é vontade do indivíduo, em particular, em determinado espaço e tempo.

ser humano, e conseqüentemente, está relacionado a tudo que somos, pensamos e sentimos.

O teor de nossas anotações se deterá na metafísica da arte e da música, com a referência primordial e irrepresentável da Vontade. Para responder satisfatoriamente ao problema, faz-se necessário breves exposições de conceitos schopenhauerianos, de modo a dar unidade e progressividade ao texto. Nesse sentido, dividimos o artigo em três etapas: na primeira, *O caráter doloroso do mundo*, estabeleceremos o fundo metafísico schopenhaueriano, o dístico “toda a vida é sofrimento”. Na segunda, *A arte e fruição*, discorreremos sobre o gênio e a fruição estética, o belo e o sublime, e trataremos da sobrelevação da música entre as outras artes. Na terceira etapa, *Música e Redenção*, faremos a correlação entre música e mundo, discorreremos sobre seu efeito suspensivo dos sofrimentos, sobre a positividade do sofrimento e a negatividade da felicidade.

Neste enfoque, a contemplação estética do mundo, que também se dá na arte, é um meio de fruição e conhecimento puro, intransferível e intuitivo da essência das coisas. Para Schopenhauer, as artes representativas facilitam o acesso ao belo por suas Ideias. O gênio, figura central no processo, faz fruir de modo acessível o que está subentendido no mundo, o seu núcleo mais íntimo corporificado em Ideias e que adquirem formas para saírem do tácito. A música, arte metafisicamente privilegiada pela irrepresentabilidade de seu fundamento, é a mensagem expressa deste em linguagem intuitiva; ela é a própria Vontade compreendida esteticamente.

Conhecemos nela não a cópia, repetição de alguma Ideia dos seres no mundo: no entanto, é uma arte tão elevada e majestosa que é capaz de fazer o efeito estético mais poderoso sobre o mais íntimo do ser humano, sendo tão inteira e tão profundamente compreendida por ele como se fora uma linguagem universal, cuja clareza ultrapassa até mesmo a do mundo intuitivo. (SCHOPENHAUER, 2015, §52, p. 296).

Ao investigarmos o caráter elevado da música sobre as outras artes, não é o caso de um traço comparativo, mas o resgate e a evidência do pensamento moderno schopenhaueriano, em plena vigência, e assim, corroborarmos com o legado em que esta arte foi essencial para a educação, para o bem-estar físico, emocional e mental, para o desenvolvimento cognitivo e para a identidade dos seres humanos.

2 O CARÁTER DOLOROSO DO MUNDO

Se compreendermos a Vontade como um impulso cego, irracional e autodiscordante, compreenderemos o pessimismo schopenhaueriano. Na natureza, do inorgânico até o humano, vemos as forças mais rudimentares, os processos físicos, mecânicos e químicos seguirem o traço da causalidade e mudarem de forma, lutando para adquirir matéria, consumi-la, e assim, objetivarem-se. Objetivação – *Objektität* – é o processo de visibilidade da Vontade, e cada reino da natureza ou graus de objetivação lutam entre si por matéria, espaço e tempo. No impulso de manter sua espécie, cada indivíduo carrega a dualidade do prazer e dor, e esta última é a garantia da destruição do outro e sua sobrevivência.

A fim de ver afirmada sua espécie, cada indivíduo traz em si uma vontade de destruição do outro. Isso gera dor e sofrimento em todo lugar onde

houver vida. O mundo estaria mais para o inferno que para uma criação divina porque a experiência diária e histórica mostra-se como uma série de guerras contínuas e como crueldade de todo tipo. (DEBONA, 2008, p. 36).

Em cada animal que busca alimento, ao passo que é alimento para outros, em cada apropriação de matéria, está presente a conflitante relação consigo mesma da Vontade, “cravando os dentes na própria carne” (SCHOPENHAUER, 2015, §27, p. 171). Todos, em exercício de sua existência, enquanto lutam, dão vazão à Vontade e à sua conflituosa afirmação.

No âmbito humano, a vida consiste num jogo, uma oscilação entre perdas e ganhos: sofrimento na perda e satisfação no ganho. Nele, a sobrevivência ultrapassa a matéria; o querer é o crucial artifício que a Vontade utiliza visando a própria realização. Em nossa vivência, a maioria dos querereres são insatisfeitos, e mesmo quando um é satisfeito, outro nos assalta. Quanto mais se quer, mais chance de sofrer. Se querer significa sofrer, e como viver é um sempre querer, toda a vida é sofrimento (Cf. SCHOPENHAUER, 2015, §21, p. 128). Quando o querer se realiza, há felicidade ou satisfação; quando há impedimentos ou querereres negados, há sofrimentos. Nestes termos, a existência e a vida adquirem um estatuto doloroso: *toda vida é sofrimento*.

A Vontade, antes de se pluralizar no mundo, tornando-se objetos e constituindo-se no princípio de razão, sai da invisibilidade por atos originários, atemporais e independentes, em forma de Ideias (em sentido platônico). Entre Vontade e Ideias, há diferenças: as Ideias são meios pelos quais a Vontade se manifesta, e por sua vez, objetivam-se pluralmente nas coisas; elas representam o que há de eterno nas singularidades das aparências: a vontade individual humana expressa a Ideia de humanidade, e assim ocorre em toda a natureza – expressões das Ideias eternas em diferentes graus de objetivação. As forças que nela operam não passam de Ideias eternas no mais baixo grau de objetivação. Nesse sentido, “A causalidade, o espaço e o tempo são oportunidades para a manifestação da vontade” (BARBOZA, 2015, p. 46); e nos diz Schopenhauer:

Entendo, pois, sob IDEIA, cada fixo e determinado GRAU DE OBJETIVAÇÃO DA VONTADE, na medida em que esta é coisa em si e, portanto, é alheia à pluralidade. Graus que se relacionam com as coisas particulares como suas formas eternas ou protótipos” (SCHOPENHAUER, 2015, §25, p. 151).

A pluralidade, da qual falamos, se origina do *principium individuationis*, que revela-se no tempo, no espaço e na causalidade, identicamente ao princípio de razão. Este princípio é o regulador de toda singularidade e finitude, e também é o princípio do conhecer do homem. Já a Ideia é alheia à individuação, à pluralidade, à mudança, e está apartada da experiência. Para que a Ideia forneça algum tipo de conhecimento de si mesma ao sujeito, deve-se ter uma visão diversa da via racional, adstrita à individuação; é necessária a supressão do sujeito para o alcance da universalidade da Ideia.

Pelo princípio de razão, só temos acesso às coisas estritas e suas relações. A Ideia, diferentemente da coisa isolada, requer uma mudança no processo de conhecimento, de modo não adstrito à ação da Vontade. Isso só é possível por uma alteração accidental no sujeito. Este, ao passo que conhece a Ideia, desprende-se do modo comum de conhecer, e neste estado, abstém-se de sua individualidade, não é

mais um algo isolado, atado às relações do mundo, e sim, um puro sujeito em patamar de igualdade com a universalidade da Ideia. Desprendido, o sujeito ignora o tempo e a finitude; o que a natureza afirma em sua aparência é visto por ele em sua mostra universal, havendo um entrelaçamento entre o sujeito e a essência do objeto, e deste modo, absorve-se a verdade eterna que nele reside. O eu, quando alheio ao princípio de razão, isenta-se dos sofrimentos do mundo à medida que enxerga a “espécie imutável à qual pertence o objeto” (BARBOZA, 2015, p. 50). Nesse processo, em caráter de exceção, o conhecimento não é mais escravo da Vontade; o objeto a conhecer, pela estrita conexão com o sujeito, é retirado da fluência relativa, tornando-se extraordinário, como no caso das obras de arte, destacadas naturalmente dos objetos comuns. A isto, Schopenhauer denominou de *intuição estética*.

Esta súbita conversão na consideração do mundo pode ocorrer de duas maneiras: *por disposição do sujeito* ou *pelo próprio objeto*. Este poderá conter elementos que facilitam a exposição de sua beleza, tida aqui como o expressivo de sua Ideia, contido no belo e no sublime, ambos tratados mais à frente. Ao que concerne ao sujeito e à sua mudança interna, quando este se desvencilha dos conceitos e, por conseguinte, do princípio de razão para contemplar a natureza, um fenômeno físico ou uma obra de arte, toda a disposição de seu espírito se direciona para a intuição, e esta lhe abre o horizonte de modo desinteressado, puramente objetivo: aparece-lhe *o puro mundo da representação*.

Toda a consciência é ainda apenas o espelho claro do objeto oferecido, é o médium pelo qual este entra em cena no mundo como representação. Sabemos de nós mesmos apenas na medida em que sabemos do objeto: ainda permanecemos aí tão somente como puro sujeito do conhecer. Ainda sabemos, por um instante, que algo aqui é intuído, mas não sabemos mais quem intui: toda a consciência é integralmente preenchida e tomada por uma única imagem intuitiva. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 46).

Enquanto o sujeito se volta em direção à Ideia do objeto, cessa-se a ação da Vontade, do querer, e assim, promove-se um “esquecimento” momentâneo da totalidade do sofrimento. O atingimento da Ideia atemporal, pela destituição da vontade, é o estado estético. Sujeito e objeto entram em simbiose, portanto, o puro conhecer e seu correlato, a Ideia, tornam-se unos.

Tal apreensão das Ideias, segundo sua série, é o autoconhecimento propriamente dito da Vontade universal. Pois o indivíduo que serve a essa contemplação como objeto e o indivíduo que serve a ela como sujeito são, tirante o mundo como representação, em si mesmos a Vontade, cuja objetividade é justamente o mundo. Ora, como eles se tornam uma coisa só na contemplação, convergindo na consciência a Ideia, assim tornada presente, eles são também, em si mesmos, uma coisa só – a Vontade. (SCHOPENHAUER, 2003, p. 48).

Puro sujeito do conhecer, noutros termos, é o indivíduo que, por sua disposição interna ou pelo que brota do objeto como elemento que o envolve, uma espécie de sedução, é o sujeito despretenso, destituído momentaneamente do princípio de razão; ele dispõe, sem a ação do querer, as faculdades intuitivas do seu eu para a contemplação, entrando no estado estético.

Para Schopenhauer, no uso de conceitos, próprio do racional, nenhuma contemplação acontece: apenas relações turvadas das aparências. Para que o estado estético entre em cena, o sujeito deve suprimir o seu querer, fator que o impede de vislumbrar a Ideia, isenta de tempo, espaço e causalidade. O que surge perante o sujeito, nesse estado, não é o objeto preso nas relações, mas a “objetividade pura, perfeita, adequada à essência propriamente dita da Vontade” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 49); é a sua inteira essência como representação. Nesse sentido, quando a Vontade sai da invisibilidade em forma de Ideias e o sujeito puro do conhecer atinge o estado estético, ultrapassando a fronteira inerente ao modo comum de conhecimento, o *véu de Maya*⁵, há uma forma mais apurada de conhecimento, intuitiva e intransferível. Dá-se, desse modo, uma apreensão mais profunda do objeto, livre da nebulosidade, da superficialidade, de seu conteúdo aparente e relacional.

O estado estético atingido pelo sujeito, nesse contexto, é um movimento natural e involuntário em direção ao esquecimento da totalidade dolorosa do mundo: *é uma negação momentânea da Vontade*. Todos os desejos irrealizados, relações conflitantes, insatisfações, emoções e sentimentos desagradáveis, de modo desprezível, são suprimidos ante o assalto e arrebatamento do belo do contemplado, e assim, o sofrimento inerente à vontade individual é superado. Intuidor e intuído, Ideia eterna e sujeito puro do conhecer, contemplador e contemplado, doam-se puramente e essencialmente. O sujeito isenta-se da cegueira primária da vontade para revê-la de modo claro, límpido: projeta-se nele um vislumbre da verdade por um “claro olho cósmico” (Cf. BARBOZA, 2015, p. 52).

3 ARTE E FRUIÇÃO

3.1 O gênio e a fruição estética, o belo e o sublime

Convém, antes, esclarecer elementos pertinentes ao indivíduo e à forma comum de conhecer: *o conhecimento racional*. A objetivação constitui a presença indireta da Vontade em toda aparência. Para suprir a complexidade de sua realização, o inorgânico, onde a Vontade atua em sentido puro, e a excitação, sua forma um pouco mais elaborada, ainda lhe são expressões insuficientes, e por isso, passa a movimentar-se por *motivos*. O que se dá a conhecer, nesse processo, leva-nos a implicar que existe uma espécie de organização, um sentido em sua saída da incognoscibilidade para a objetivação. Deste modo, a mostra da Vontade em conhecimento objetivou-se em nervos, órgãos, cérebro, constituindo “organismos”. Deduz-se, então, que conhecimento é Vontade objetivada, e está adstrito, em si mesmo, à serventia de sua realização (Cf. BARBOZA, 2015, p. 42). Esta objetivação também constitui a multiplicidade dos corpos, e nosso corpo, objeto imediato e também origem da intuição, é igual a todos eles no que tange à objetivação. Em suma: *corpo é Vontade objetivada*.

5 O “véu de Maya” é uma metáfora usada por Arthur Schopenhauer, inspirada na filosofia indiana, para descrever a ilusão que encobre a verdadeira natureza da realidade. Maya é a força cósmica que cria a ilusão do mundo fenomênico, ocultando a realidade absoluta (Brahman). Segundo ele, o véu de Maya nos faz perceber o mundo como uma multiplicidade de fenômenos individuais, escondendo a essência única e universal da Vontade. Para Schopenhauer, romper esse véu é acessar a verdade metafísica por trás das aparências, algo que pode ser vislumbrado pela arte, pela compaixão ética ou por meio da negação da Vontade.

Por conseguinte, meu corpo inteiro nada tem de ser senão minha vontade que se tornou visível, tem de ser minha vontade mesma, na medida em que esta é objeto de intuição, representação da primeira classe de objetos. Por isso denomino o corpo a objetividade da vontade (SCHOPENHAUER, 2023, p. 68).

O que se conhece naturalmente através do objeto imediato seguirá o princípio de razão, que revela os outros corpos pela variação espaço temporal. O conhecer desta variação, pelo objeto imediato, é conhecimento a serviço da Vontade. Nesses termos, o conhecimento racional sempre produzirá inferências individuais e relacionais; cada objeto se dará a conhecer na tríade existencial (espaço, tempo e causalidade). Este modo geral é a forma inerente ao conhecer de todos os indivíduos, apenas permitindo conhecer objetos isolados e suas conexões. Em suma: o racional conhece através da unidade dos existentes, que compõem o âmbito representacional do sujeito.

Para Schopenhauer (2015, § 8, p. 45), “A razão possui apenas UMA função: formação de conceitos”. Por conseguinte, quando operamos com conceitos, estamos condicionados à individuação e às relações individuais, ou seja, *ao modo comum de conhecer baseado no princípio de razão*. O sujeito que conhece por submissão a este princípio está subserviente ao domínio da Vontade e ocupa-se dos mais baixos aos mais altos graus de sua objetivação (Cf. SCHOPENHAUER, 2003, p. 43). Imerso neste princípio, está sujeito à Vontade, e quando esta é insaciada, o indivíduo sofre. Noutros termos, quando o querer do indivíduo comum é irrealizado, sujeita-se ao jogo autodiscordante da Vontade, adstrito ao princípio e razão. Este, o querer, é o elemento motivador de um interesse e um sofrimento, em proporção direta às suas grandezas.

À medida que ocorre o desprendimento do indivíduo do princípio de razão em direção à Ideia, ocorre a ascensão do gênio. Se, como disse Schopenhauer (2003, p. 43), “Todo conhecimento que o indivíduo, enquanto indivíduo, possui está a serviço da Vontade”, nota-se, então, uma excludência entre conhecer pela prevalência da Vontade, turvo, e o conhecer puro da Ideia, que contém a mesma Vontade, mas de forma clara e objetiva. Se no indivíduo o interesse é subsidiado pela vontade, o desinteresse deverá ser o meio pelo qual a Ideia será compreendida por outra forma de conhecer: *o intuir da capacidade genial*. Isso também implica que, quando há interesse, pela ação do querer e da vontade, há prevalência dos sofrimentos. Quando se desinteressa, o indivíduo cessa sua individualidade e predispõe-se ao inesperado enlace do belo da Ideia, deixando de sofrer: *vontade implica em sofrimento; Ideia implica em alívio (momentâneo)*. Nas palavras do próprio filósofo: “Se devemos conceber a essência íntima de alguma coisa, a Ideia que nela se expressa, não podemos ter o mínimo interesse por essa coisa, isto é, ela não pode ter relação alguma com nossa vontade” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 45). Este modo de libertação da Vontade em direção à Ideia é o modo de conhecer genial, intuitivo e desinteressado.

Na filosofia, o gênio adquire uma gama de interpretações. No sentido schopenhaueriano, a liberdade do gênio se dá pela intuição e pela isenção do princípio de razão. Gênio é a capacidade do indivíduo de abster-se das relações e entrar no estado estético; é o quanto o seu eu apreende as Ideias. Concomitantemente à esse transpasse da própria individualidade, mostra-se o belo da Ideia que não mais está preso ao singularismo do objeto, mas à sua espécie.

Como competência de atingimento da Ideia, gênio é a intuição e a libertação da subjetividade, da individuação. Nesse sentido, é conhecimento intuitivo e objetivo, desprendido do racional. De uma maneira geral, diz Barboza (2015, p. 57): “gênio é a capacidade de intuir Ideias”.

Esta capacidade pertence a qualquer indivíduo; todos a possuem em graus diferentes. À medida que o gênio se liberta do mundo fenomênico e aparente em direção às Ideias eternas, há uma prevalência do intelecto sobre a manifestação da vontade: “quase uma separação entre a cabeça e o tronco” (BARBOZA, 2015, p. 57). O gênio, dependendo de seu grau, poderá ultrapassar e muito o conhecimento do mundo. Notemos que, quanto mais elevada a genialidade do indivíduo, maior será a sua apreensão das Ideias; ele vislumbra o belo de forma pura e límpida, sem os elementos que deturpam o modo normal de conhecer: as relações e a individuação. Numa pessoa comum, há prevalência da vontade sobre o intelecto, que faz ver o que de particular se mostra na efetividade. No gênio, de individualidade suprimida, o que se mostra ante seu intelecto vem de forma intuitiva, eterna, essencial e objetiva, sobrelevada. Para que o conhecer desprovido de razão assuma a potência de facilitar e expor Ideias, em si já deve operar a prevalência do intelecto sobre a vontade; este não se permite mais ao pensamento abstrato, aos conceitos racionais, nem às oscilações provenientes da vontade, que deturpam a limpidez do que contempla. Seu puro intuir deve surgir do apaziguamento da vontade em detrimento da ação do intelecto. Por tal motivo, o homem comum sucumbe às oscilações do querer, e seu espírito se prende ao turvo movimento da vontade. No homem de gênio, em contrapartida, o intelecto nega a ação da vontade em detrimento da Ideia, e o que intui provém da calma e da liberdade alcançada pelo desprovemento do princípio de razão.

O artista, pela capacidade genial, vê além do que ao homem comum se revela. Suas obras são puros reflexos das Ideias por ele adquiridas. Nesse patamar privilegiado, estado estético em pleno vigor, o artista traduz o que vê e sente de forma adequada, sem a difusão da razão, facilitando a outros mais ou menos geniais o acesso às Ideias em forma de arte. O intelecto é, para o gênio, a fonte luzente de seu conhecer; é por ele que o acesso profundo às coisas se dará de modo fruído e por ele, à molde de seus dotes criativos, se dará o belo experimentado, apreendido e facilitado em obras de arte. Vejamos o que diz Barboza:

Quando o gênio contempla a natureza à procura de inspiração, vê além daquilo situado ao seu redor: ele entende as coisas em suas meias palavras e a seguir expressa perfeitamente o que elas balbuciavam. Quando instituídas, a obra de arte é um empréstimo que o artista faz de seus olhos. Assim, por meio de uma pintura, estátua, poesia, edifício, jardim, temos acesso à sua visão e, igualmente, à essência do mundo. (BARBOZA, 2015, p. 58).

Nas palavras do próprio Schopenhauer:

O fato de todos reconhecerem a beleza caso a vejam, sendo que no caso do artista autêntico isso ocorre com tal nitidez que ele a mostra como nunca antes vira, e, por conseguinte, supera a natureza como exposição – tudo isso só é possível porque a vontade, cuja objetivação adequada em seu grau mais elevado deve aqui ser descoberta e julgada, SOMOS NÓS MESMOS. De fato, só dessa maneira temos uma antecipação daquilo que a natureza (que é justamente a vontade, constituída de nossa própria

essência) se esforçava por expor; antecipação esta que, no autêntico gênio, é acompanhada de tal grau de clarividência que ele reconhece nas coisas isoladas a Ideia, como que ENTENDE A NATUREZA EM SUAS MEIAS PALAVRAS e, então, exprime puramente o que elas apenas balbuciavam. (SCHOPENHAUER, 2015, §45, p. 257).

Como implicado, tanto no homem comum quanto no artista se dá a fruição estética; os dois apreendem os mesmos elementos da realidade, os objetos, imagens e figuras. Porém, o que se passa no intelecto genial, em seu grau intuitivo, é diverso do homem comum. Neste último, há uma clara indistinção entre o intelecto e a Vontade: a Vontade é mais presente no indivíduo pelo modo comum de conhecer, preso aos conceitos. No gênio, o intelecto se distingue claramente da Vontade, e sua intuição é mais purificada das ações volitivas: “quanto mais turvado é o conhecimento, mais imediata é sua relação com a vontade: mais se é consciente dos objetos meramente como motivos para ela” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 68). Nesse sentido, a máxima expressão do gênio se dará na máxima purificação das representações com relação à Vontade, de modo inteiramente intuitivo.

Pelo que se percebe, a relação Intuição-Razão é símile à Arte-Ciência, e por conseguinte, ao Gênio-Cientista. Ao gênio compete o artístico, o intuitivo, a busca pelo cerne de toda a natureza, de modo a preencher a necessidade metafísica do homem. Ele é o grande apreensor das Ideias, praticante de um modo intuitivo de conhecer que alcança o além das aparências: *a objetividade mais pura da Vontade*. É pela arte que o gênio, em eficaz facilitação, devolve ao mundo o próprio mundo decifrado; espelha o permanente em suas obras. Em concomitância, *arte é a consideração independente da razão*; é o contato com a beleza Ideal do objeto. Por conseguinte, qualquer objeto pode ser belo quando livre da subjetividade. Em suma, *a essência íntima da arte é a repetição de Ideias*.

A arte repete as Ideias eternas apreendidas por pura contemplação, o essencial e permanente de todas as aparências do mundo: de acordo com o estofo em que ela o repete, têm-se arte plástica, poesia ou música. Sua única origem é o conhecimento das Ideias; seu único fim, a comunicação desse conhecimento. (SCHOPENHAUER, 2015, §36, p. 213).

Pelo exposto, o gênio, à medida de sua intuição, vê mais ou menos claras as Ideias que compõem a totalidade, e conseqüentemente, o mais belo e nítido. Quando, pela intuição, o gênio conhece de modo distinto, está em estrita oposição ao querer e a vontade. O intelecto emancipado, em atitude de negação, remete sua obra a um sentido de esquecimento momentâneo da totalidade autodiscordante do mundo. Onde predomina o querer, a vontade escraviza o indivíduo; o impulsivo, o volitivo, toma as rédeas de vida e, pela predominância de desejos insatisfeitos, haverá constante sofrimento em sua existência.

A capacidade genial, como dito, se encontra tanto no artista quanto no contemplador; sem ela inexistiriam obras de arte nem receptividade delas. No gênio, é mais fluida e duradoura, o que permite a sua maior permanência no estado estético. Neste estado, há duas formas de conhecer inseparáveis que operam na fruição, a saber: *O belo e o sublime*. O belo é o que conhecemos no estado de puro sujeito do conhecer destituído de vontade, que nos revela não a coisa isolada, mas a sua Ideia, em sentido platônico, ou seja, a essência ou forma permanente do objeto. O Sublime, também disposto pelo puro sujeito do conhecer destituído de vontade, é

o que provém na consciência daquele que conhece. Para que os dois estados ocorram, a destituição da razão é necessária. São destes dois componentes que surge a satisfação pelo afastamento momentâneo dos sofrimentos. A primeira forma ocorre pela total e inconsciente sedução proveniente do objeto, ou seja, pela admiração despresticiosa de sua Ideia; o objeto nos arranca de todas as relações e nexos causais, não pelo seu exterior, mas por sua essência. Nesse sentido, uma coisa é mais bela que outra quando há significativas diferenças na exposição de Ideias. Segundo Barboza (2015, p. 53): “Quando um objeto é considerado belo, não há preocupação com sua finalidade, não se pergunta para que servem. Nós o fruimos desinteressadamente”. O belo é a consideração estética do objeto de maneira objetiva, isto é, no caráter eterno de sua Ideia. Para Schopenhauer (Cf. 2003, p. 25), o belo é uma forma diferente de conhecer; é um modo incorrupto de conhecimento do mundo, que opera alheio ao princípio de razão e às satisfações da vontade individual. A fruição do belo, a satisfação estética e os prazeres provenientes desse modo de conhecer são de outra natureza. Tudo que nos apraz de modo comum, por exemplo, uma boa comida, um presente, um passeio, etc., está ligado ao ponto de vista da individualidade, ao que lhe é agradável, e por conseguinte, estão submissos aos sentidos, ao prazer corporal imediato, à hecceidade e seus interesses. Em suma: todas essas alegrias caminham em direção à alacridade da vontade.

Aprofundando-se, Schopenhauer intercorre entre o que é agradável e o que é útil, sendo este último firmado pela alegria antecipada de um prazer imediato, que anseia vir a ser, uma posteridade satisfeita da vontade. O útil e o agradável formulam o gosto individual, e nesses termos, o que define a agradabilidade e a utilidade é a plena adequação ao caráter exclusivo, particular. De forma anversa, o prazer estético, a alegria ante o belo, não origina-se da individualidade ou do subjetivo, muito menos do interesse pessoal. O belo o será para qualquer um, em caráter universal, objetivo, quando despidos do interesse que caracteriza a personalidade da vontade. Esta forma de conhecer é avessa à comunicação por conceitos e não pode ser apreendida *in abstracto*, mas apenas pelo desinteresse que permeia o intuitivo.

Já o sublime é proveniente da consideração subjetiva da satisfação estética. Este estado é o estado de conhecimento puro e consciente, onde o fruidor eleva-se ao belo; ele apenas não está consciente, mas a consciência é o elemento mantenedor do estado estético. Pela consciência e pelo dispor natural da Ideia do objeto, facilitada por sua distinção, determinação e exuberância, fatores que isolam tal objeto dos demais objetos, a fruição estética se dá de forma mais viável. Para Schopenhauer, os próprios objetos, com suas Ideias bem expostas, atraem nossa atenção, nos convidando à contemplação. As diferenças entre o belo e o sublime são sutis.

O sentimento do Sublime distingue-se do sentimento do Belo apenas por um elemento adicional, a saber, pelo elevar-se sobre a relação conhecida como hostil do objeto contemplado com a Vontade geral. Nasce, daí, diversos graus de sublime, sim, gradações entre o belo e o sublime, à medida que esse elemento adicional seja forte. (SCHOPENHAUER, 2015, §39, pp. 234-235).

Nesta citação, Schopenhauer refere-se ao caráter hostil proveniente da relação entre o objeto e a vontade individual do ponto de vista de sua objetivação (objeto imediato - o corpo). A hostilidade surge ante um sentimento de ameaça que suprime qualquer resistência por parte do contemplador. Se tomado pelo medo desta imposição, o contemplador somente dirigirá sua atenção de modo a contrapor-se ao objeto; verá nele uma coação à sua vontade, e assim, se desviará dele intencionalmente e conscientemente. Ao tempo que se afasta do objeto, o contemplador separa o que é vontade e o que é objeto, o conhecimento dele de suas relações. Concomitantemente, o contemplador dispõe-se ao puro conhecimento desse objeto temeroso quando se despe da vontade, causadora da resistência e da ameaça. A esta disposição de elevar-se sobre si mesmo, sobre o seu querer na contemplação do objeto, Schopenhauer nomeou de *sentimento do sublime*. Em suma, o belo do objeto, por nosso conhecer desprovido de razão, nos arrebatava sem discordância; no sublime, o puro sujeito do conhecer é atingido pela superação da hostilidade da relação entre a vontade e o poder sedutor do objeto.

Estes dois conceitos, o belo e o sublime, praticamente entrelaçados, fogem da consideração pertinente ao gosto pessoal do indivíduo, quando em ambos o puro sujeito do conhecer isento de razão é necessário. O que quer que seja exposto, de forma a apresentar sua Ideia genuína, poderá ser considerado belo. Sob o vislumbre estético da pura contemplação, o mundo é apartado de seu caráter doloroso; deixamos de querer para contemplar a Vontade em sua pura mostração em forma de Ideias; satisfazemo-nos metafisicamente pela intuição. Para Schopenhauer, o belo tanto frui da natureza quanto da arte; nesta, a fruição é menos dificultosa pelo trabalho de facilitação da Ideia pelo gênio.

3.2 A sobrelevação da música entre as artes

A Vontade, o em-si dos fenômenos, sai da invisibilidade por intermédio de Ideias. Esta autodeterminação de realização estende-se das Ideias até a natureza e seus fenômenos. O que conhecemos sob o princípio de razão, é somente o fazer efeito da matéria que reveste-se de aparência. Estas aparências implicam em diferentes graus de objetivação da Vontade, desde os elementos ou forças mais rudimentares até indivíduos complexos, tendo o seu cume de realização no ser humano. Também dissemos que o estado estético pode ser proveniente de duas formas: a condição inerente ao objeto, adstrita ao belo da Ideia que emana de si mesmo, e da condição do sujeito ou seu estado interior. Dito isto, conclui-se que haverá vigência de um ou de outro elemento de fruição a depender da Ideia apreendida ser de menor ou maior grau de objetividade da Vontade. Nos elementos de baixa complexidade ou menor grau de objetividade da Vontade, a exemplo do reino inorgânico e vegetal, haverá preponderância da Vontade ou da consideração subjetiva da Ideia. Caso o objeto de consideração seja orgânico, de Ideias mais elaboradas e graus mais elevados de objetivação, haverá preponderância do intelecto sobre a Vontade, de modo objetivo, pois realizam de modo complexo a essência da Vontade. Segundo essa hierarquização de realização da Vontade – inorgânicos, vegetais, animais e humanos – Schopenhauer traça o escalonamento das artes, isto é, à medida da complexidade de objetivação, exigindo mais esforços do gênio para compreender suas Ideias, e nisto complexifica-se e intensifica-se a qualidade que seduz pelo belo. Nesse sentido, obras que remetem a animais e

humanos são mais profundas e sedutoras que as que envolvem paisagens ou elementos naturais em estado bruto.

Após a poesia, expressão clara das nuances da vida humana, chegamos ao ápice das artes, a *música*. Esta é vista em separado por Schopenhauer devido ao fato de não expor Ideias como as outras: ela é a cópia direta e estrita da Vontade. Da arquitetura à poesia, as Ideias revelam-se por objetivações, por imagens, e, pelas Ideias, permite-se sair de sua invisibilidade para ser conhecimento. Pelo aspecto sonoro, sem o intermédio da Ideia objetivada, a música encontra-se mais próxima da Vontade. Porém, como cópia dela, também é sua objetivação assim como a Ideia, mas ela está além das Ideias e ultrapassa o mundo fenomênico; é independente dele. Se a Vontade é a mesma que se objetiva tanto nas Ideias quanto na música, embora de forma diversa uma da outra, então, em verdade, diz Schopenhauer (2003, p. 230):

“Não se deve pressupor entre essas duas maneiras de objetivação uma semelhança, mas sim tem de haver (e isso é algo possível de demonstrar), um paralelismo, uma analogia entre música e as Ideias, cujos fenômenos na pluralidade e na imperfeição são o mundo visível”.

Temos, aqui, uma correlação entre a música e as Ideias que, em outros termos, significa o paralelismo entre música e mundo.

4 MÚSICA E REDENÇÃO

4.1 A música como espelho do mundo

Da relação entre música e as outras artes, Schopenhauer traçou paralelos ou equivalências no mundo, mas nos previne de que o sentido de cópia da Vontade estabelecido foge do domínio da comprovação, pelo fato da música conter-se ainda no âmbito da representação, e pela Vontade ser irrepresentável. Neste aspecto, a música não é a coisa em si, mas a sua “voz”, sua cópia fiel.

No entanto, tal explanação é do tipo que nunca pode ser comprovado, pois leva em conta, e estabelece, uma relação da música que reside ainda no domínio da representação – com algo que, essencialmente, nunca se pode tornar representação, a coisa-em-si, a Vontade. Nesse sentido, minha explicação apresenta a música como cópia de um modelo que, ele mesmo, nunca pode ser trazido à representação. (SCHOPENHAUER, 2003, p.229).

Esta dificuldade empírica é patente e compreensível. Nesse sentido, Schopenhauer dirige-se aos mais próximos da música que, ao ouvirem e refletirem sobre ela, serão capazes de aceitar tal pressuposto.

Do paralelo entre música e mundo, consubstanciado pelas leis harmônicas que regem a arte sonora, os reinos da natureza e seus elementos são remetidos aos componentes internos que fazem a música ser o que é. O reino inorgânico, âmbito comum de toda existência corpórea, equivale ao que o baixo é para a harmonia: a diretriz que estabelece a base tonal, o ponto de partida inicial da harmonia. Assim como as notas agudas se comportam em relação ao baixo, sua referência, os reinos superiores encontram-se embasados no inorgânico. O baixo, portanto, o reino inorgânico, é o grau mais baixo de objetivação da Vontade; ele é o sustentáculo de

toda a ordem da natureza: é por ele que os agudos, altos graus de objetivação, se apoiam no tonalismo.

Prosseguindo a analogia, Schopenhauer institui a gama ascendente de seres e espécies aos intervalos da harmonia tonal. As vozes intermediárias (3a e 5a) representam o reino vegetal e animal, que se movem entre o reino inorgânico (o baixo) e o homem (a melodia). A melodia, com suas variações e nuances, sendo a voz principal que conduz toda a massa sonora em seu movimento, corresponde aos mais altos graus de objetivação da Vontade, o homem e sua vida esforçada, ambígua e cheia de sentimentos. No passeio de sua expressão, a melodia imbuí-nos da narrativa de cada impulso da Vontade a realizar-se; é o caminho em que avistamos toda a atividade da existência humana, seus dissabores, alegrias, tristezas, obstáculos e vitórias, e como fio condutor da música, todo o conjunto que o acompanha espera a conformação, a satisfação resolutive que bem encerra o conjunto da obra-vida. É por tal motivo que diz Schopenhauer (2003, p. 232): “Sempre se disse que a música é a linguagem do sentimento e da paixão, assim como as palavras são a linguagem da razão”.

Se a música é, em palavras acuradas, a cópia da Vontade, o seu conjunto sonoro é a expressão, em termos metafísicos, da totalidade do mundo, as suas revoluções, espécies, discórdias e todos os fatores em que o querer, ora sanado, ora insatisfeito, compõe os movimentos da existência. O que varia na sua constituição interna, o que se evidencia mormente aos seus acidentes e resoluções, tensões e repouso, graves e agudos, mudanças rítmicas, timbres, tessituras e outros elementos, desvela-se espelhado em cada indivíduo que, por trato da capacidade genial, percebe mais ou menos intensamente esta similitude. Um indivíduo genial e sensível, que absorve e entende a objetiva Ideia de cada coisa, isto é, cheio de mundo em seu espírito, alcança, pela universalidade de sua intuição, a pura e refletida visibilidade da natureza nos elementos musicais, de forma direta, sem barreiras. A música, nesse sentido, é a correspondência áudio-metafísica da totalidade, naquele que ultrapassou, com seu elevado grau intuitivo, o véu de *Maya* e a comum apreensibilidade das coisas. Não há intermédios para que o que soe seja compreendido de forma imediata: a música fala diretamente ao artista e ao fruidor pela linguagem universalmente compreensível dos sons.

Visto que a música, diferentemente de todas as demais artes, não representa Ideias ou graus de objetivação da vontade, mas a VONTADE MESMA, imediatamente, explica-se daí que semelhante arte atue tão diretamente sobre a vontade, isto é, sobre os sentimentos, as paixões e os afetos do ouvinte, de forma que os intensifica rapidamente ou os altera. (SCHOPENHAUER, 2015, tomo 2, cap.39, p.538).

Ainda em reforço ao que foi dito sobre a ação da música sobre a vontade, Schopenhauer deixou o fio pelo qual seguiremos, de modo a atingir o fator supressivo do que causa prazer ou dor. Diz ele:

“Todo ato verdadeiro, autêntico, imediato da vontade é também simultânea e imediatamente ato do corpo que aparece: e, em correspondência, toda ação sobre o corpo é também simultânea e imediatamente ação sobre a vontade: que enquanto tal se chama dor, caso a contrarie, ou bem-estar, prazer, caso lhe seja conforme”. “[...] Ademais, a identidade do corpo com a vontade também se mostra, entre outras coisas, no fato de que todo o movimento excessivo e veemente da vontade, isto é, cada afeto, abala imediatamente o

corpo e sua engrenagem interior e perturba o curso de suas funções vitais”. (SCHOPENHAUER, 2015, §18, p. 118).

Sendo assim, há uma biunivocidade entre a Vontade e o corpo, e a música, também como excitação física, possui caminho direto para a resposta corporal, e como em si mesma é expressão direta da Vontade, tem ação direta sobre a vontade do fruidor. A música, em termos comparativos, é o agente de maior poder modificador da vontade humana por falar, na mesma linguagem, com o íntimo do ser.

4.2 A música como eficaz supressivo das dores, a negatividade da felicidade e a positividade dos sofrimentos

Uma vez constatada a totalidade dolorosa do mundo pela autodiscordância da Vontade e pelo exacerbado número de quereres insatisfeitos, pois “contra cada desejo satisfeito existem dez que não o são” (SCHOPENHAUER, 2015, §38, p. 226), consolidando que o desejo é o cerne dos sofrimentos, Schopenhauer elenca dois caminhos em caráter de negação da Vontade, a saber: *a arte e a filosofia*. A arte traduz a vida por formas estéticas, com o propósito de desvelar a essência das coisas.

“Não apenas a filosofia, mas também as belas-artes trabalham, no fundo, para solucionar o problema da existência. Pois em cada espírito que uma vez se entregou à pura consideração objetiva do mundo ativa-se, mesmo se inconsciente e oculto, um esforço para compreender a verdadeira essência das coisas, da vida, da existência”. “[...] Por isso, o resultado de cada apreensão puramente objetiva, portanto, artística das coisas, é uma expressão a mais da essência da vida e da existência, uma resposta a mais da questão: “Que é a vida?”. - A esta questão responde completa e acertadamente, à sua maneira, cada obra de arte autêntica e bem realizada” (SCHOPENHAUER, 2015, cap. 34, tomo 2, p. 487).

A arte, na prática do estado estético pelo puro sujeito, nega a vontade para absorver o belo de uma ideia e, no caso da música, há um contato mais íntimo, puro e imediato entre ele e a Vontade. Sendo assim, a supressão momentânea da totalidade dolorosa da existência se dá pela própria negação como indivíduo, onde este experimenta o impactante bálsamo da arte sonora, límpida e pontual: o cerne metafísico que o seduz.

Dito isto, é possível considerar o conceito de Vontade schopenhaueriano em dois aspectos: o primeiro diz respeito ao processo de sua objetivação no mundo através da natureza; o segundo contempla a possibilidade de sua negação. É que, como o próprio subtítulo do Livro IV de *O Mundo* reza, após ter se conhecido ou objetivado no mundo dos fenômenos, advém a afirmação ou a negação da vontade de vida. Ora, tal como na sua objetivação, também na possibilidade da negação da essência irracional do mundo, existem gradações. E o primeiro destes graus enraíza-se justamente no âmbito da estética, sendo conhecido como contemplação do belo (do belo natural ou artístico), onde se dá a intuição estética, tema do Livro III de *O Mundo*. Outros graus de negação da vontade residem no domínio da ética. (DEBONA, 2008, p.58).

Sendo a música a Vontade mesma, sua vigência sobre o mundo e os seres humanos atinge-os certamente em seu íntimo e comportamentos. A sua decorrência

ascendente no espírito, pelo grau do gênio e do estado estético, ultrapassa a abrangência intuitiva, e sua compreensão também vai além de uma linguagem universal.

Em conformidade com todo o exposto, podemos ver o mundo fenomênico, ou natureza, e a música, como duas expressões distintas da mesma coisa, a qual é a única intermediadora da analogia de ambos, e cujo conhecimento é exigido para reconhecer tal analogia. A música, portanto, caso vista como expressão do mundo, é uma linguagem universal no mais supremo grau, que está até mesmo para a universalidade dos conceitos como aproximadamente estes estão para as coisas particulares. Sua universalidade, entretanto, não é de maneira alguma a universalidade vazia da abstração, mas de um tipo totalmente outro, ligada a uma determinidade mais distinta e contínua. (SCHOPENHAUER, 2015, §52, p.303).

Dito isto, é importante notar o seguinte: enquanto gênio, tanto o contemplador comum quanto o artista, pelo estado estético, nega a vontade de acordo com seu grau de genialidade, deixando de sofrer momentaneamente. A alegria estética, da qual o belo é capaz de proporcionar, não consiste em felicidade, mas em ausência de querer e um consequente esquecimento fugaz de si mesmo e das preocupações inevitáveis da vida cotidiana, dolorosa e impetuosa: esquece-se da luta de todos contra todos. O indivíduo que, pela contemplação das Ideias ou diretamente pela música, pela natureza ou pela arte, consegue manter-se por mais instantes neste estado estético, na visão de Schopenhauer, possui uma vida “bem-aventurada” e é um “espelho límpido do mundo”.

“Deve-se recordar do terceiro livro que a alegria estética no belo consiste em grande parte no fato de que nós, ao entrarmos no estado de pura contemplação, somos por instantes libertos de todo querer, isto é, de todos os desejos e preocupações: por assim dizer nos livramos de nós mesmos”. “[...] Daí podermos supor quão bem-aventurada deve ser a vida de um homem cuja vontade é neutralizada não apenas por instantes, como na fruição do belo, mas para sempre, sim, inteiramente extinguida, exceto naquela última chama que conserva o corpo e com o qual será apagada. Tal homem que, após muitas lutas amargas contra a própria natureza, finalmente a ultrapassou por inteiro, subsiste somente como puro ser cognoscente, espelho límpido do mundo.” (SCHOPENHAUER, 2015, §68, pp.452-453).

No estado inverso, ou seja, os que vivem no jogo da relatividade do princípio de razão e presos à dinâmica da realidade, são atormentados pelas irrealizações do querer. Suas vidas arraigam-se na luta pela falsa ideia de felicidade e de satisfação, caindo na névoa desorientada da permanência deste estado. Nesse sentido, o cultivo do sentimento de gratidão poderia mantê-lo, como uma espécie de analgesia, por mais tempo no estado de quietude enquanto sublima algum desejo realizado, fruto do querer, do esforço e da grandeza do ímpeto de sua vontade, porém, em momento seguinte, logo assaltar-lhe-á o tédio da posse. Após a evasão da aparente alegria no momento subsequente da vida, o que assume as rédeas do eu é uma outra ausência, uma outra necessidade, um outro desejo a realizar-se. O que, com maior precisão e pureza, acontece por ação da música no estado estético, é um arrebatamento do ímpeto dos desejos e tormentos, um afastamento do querer e uma transposição para um mundo isento de alacridade e de sofrimento, uma suspensão

da normalidade dolorosa e, pelo que de belo há no que se mostra em seus elementos, em simbiose com a qualidade sensível intuicional do gênio, poderá a Vontade, pela música, fornecer esta sobressalente possibilidade real de satisfação, porém nunca em sentido pleno.

A tempestade das paixões, o ímpeto dos desejos e todos os tormentos do querer são, de imediato, de uma maneira maravilhosa, acalmados. Pois no instante em que, libertos do querer, entregamo-nos ao puro conhecimento destituído de Vontade, como que entramos num outro mundo, onde tudo o que excita a nossa vontade e nos abala veementemente desaparece. Tal libertação do conhecimento sobreleva-nos de forma tão completa quanto o sono e o sonho: felicidade e infelicidade desaparecem: não somos mais indivíduo, este foi esquecido, mas puro sujeito do conhecimento: existimos tão somente como UM olho cósmico que olha a partir de todo ser que conhece, porém apenas no ser humano pode tornar-se inteiramente livre do serviço da vontade, com o que todas as diferenças de individualidade desaparecem tão completamente que é indiferente se o olho que vê pertence a um rei poderoso ou a um mendigo miserável. Pois felicidade e penúria não são transportadas além daqueles limites. Note-se o quão próximo de nós encontra-se um domínio no qual podemos furtar-nos por completo à nossa penúria! Mas quem tem a força para nele manter-se por longo tempo? (SCHOPENHAUER, 2015, §38, pp. 228-229).

O descontentamento e o insensato desespero pelas ocorrências da vida, em choque com os quereres, revelam tanto o caráter díspar da realidade quanto a falta de preparo racional e vivencial para entendê-la. Isto implica numa dupla alienação da razão em relação à universalidade do que acontece ao mundo. Em simples comparação com seu si mesmo, afastado do permanente pela particularidade dos desejos, aborrece-se, pois não se aceita ante a gama de verdades comuns a todos os indivíduos. Nesse sentido, quando um desejo é realizado, este envolve-se em termos de impermanência, e o que se dá na felicidade, por adesão à uma aleatoriedade, tangencia-se a qualquer instante, é morredouro. O sofrimento entra em cena quando o véu ilusório da felicidade revela a falta de controle sobre si mesmo e sobre os fatos da realidade e, portanto, alegria e dor surgem da falibilidade do conhecer. Alegria intensa é ilusão; dor é o desaparecimento da ilusão.

Todas as vezes que alguém perde o controle, ou sucumbe aos golpes da infelicidade, ou se entrega a cólera, ou se desencoraja, mostra justamente que concebe as coisas de maneira diferente do que esperava, logo que estava errado e não conhecia o mundo nem a vida, não sabia como a natureza inanimada, pelo acaso, assim como a natureza animada, por intenções conflitantes, e também por crueldade, cruza a cada passo a vontade individual: portanto, não usou a razão para chegar a um conhecimento universal da índole da vida ou então lhe faltava a faculdade de juízo; pois não conseguia reconhecer no particular aquilo que conhecia no geral, surpreendendo-se, com o que a pessoa fica fora de si. Assim, toda alegria vivaz é também um erro, uma ilusão, já que nenhum desejo realizado pode nos satisfazer duradouramente e, ainda, porque toda posse e felicidade só podem ser concedidas pelo acaso, por tempo indeterminado, consequentemente podem ser retiradas na hora seguinte. Toda dor, por seu turno, baseia-se no desaparecimento de uma tal ilusão: alegria e dor, portanto, nascem de um conhecimento falho; o sábio, no entanto, sempre permanece distante do júbilo ou da dor e nenhum acontecimento perturba a sua *αταραξία*. (SCHOPENHAUER, 2015, §16, pp.104-105).

Outro fator que merece consideração é *a positividade do sofrimento e a negatividade da felicidade*. Esta, na visão de Schopenhauer, ilusória e fruto do acaso, sempre surge de uma carência, e após o seu breve suprimento, logo encerra-se. Portanto, o desejo, o sofrimento, são condições constantes e iniciais de todo o prazer; a satisfação é a saída momentânea da normalidade, e este caráter inoportuno da felicidade é o que “perturba a nossa paz”. Estar a par do caráter ilusório da felicidade nos trará um estado autêntico, e poderá ajudar no maior aproveitamento do tempo em que este momento beatífico perdure, até o próximo querer nos tomar em outra projeção de realização.

Toda satisfação, ou aquilo que comumente se chama felicidade, é própria e essencialmente falando apenas NEGATIVA, jamais positiva. Não se trata de um contentamento que chega a nós originariamente, por si mesmo, mas sempre tem de ser a satisfação de um desejo; pois o desejo, isto é, a carência, é a condição prévia de todo prazer. Com a satisfação, entretanto, finda o desejo, por consequência o prazer. Eis por que a satisfação ou o contentamento nada é senão a liberação de uma dor, de uma necessidade, pois a esta pertence não apenas cada sofrimento real, manifesto, mas também cada desejo, cuja inoportunidade perturba nossa paz, sim, até mesmo o mortífero tédio que torna a nossa existência um fardo. (SCHOPENHAUER, 2015, §58, p.370).

Na citação acima, é curiosa a associação do desejo à negatividade da felicidade, dispensando o inesperado que poderia despertar este sentimento. Isso nos diz que, mesmo na imprevisibilidade de um agrado, originado por uma circunstância ou intenção de alguém em nos felicitar, o sentimento emergente irá preencher a lacuna ou a carência correspondente, porque “a carência é condição prévia de todo prazer”. Isso põe em questão a inconsciência do desejo, a vontade do indivíduo, e consequentemente, justifica a ação da Vontade, mas mantém o caráter negativo da felicidade, que quebra a normalidade dolorosa (positiva). Um outro ponto duvidoso recai sobre a frase em que ressalta a inoportunidade que “perturba a nossa paz”. O que fica explícito, a nosso ver, é que há estados em que os desejos estão momentaneamente apaziguados ou “esquecidos”, e o que nos torna feliz reinsere-nos na prática incessante do querer, revigorando o predomínio da vontade sobre o intelecto, e assim, recomeçamos a luta desenfreada por sua realização fugidia, e após seu efeito, retornamos à totalidade dolorosa do mundo. Nesse sentido, a valoração extraordinária da felicidade não se dá diretamente e por si mesma, mas de forma indireta e pelo escape das lembranças de todos os fracassos e privações que se sucederam até seu surgimento. Por tal motivo, não valorizamos o que já possuímos; estes nos tornam felizes apenas negativamente e, quando perdemos tais posses, positivando o sofrimento da perda, damos conta de suas importâncias. Não é difícil percebermos que, quanto mais esforço e vontade aplicamos em um objetivo, quanto mais dificultoso for a conquista deste algo em que empregamos nossas habilidades para vencer as barreiras impostas, mais valorosa se torna a conquista e a sensação de satisfação. Posteriormente, a recordação dos caminhos dolorosos dos esforços é o meio pelo qual mantemos a valoração do que agora possuímos.

Dissemos antes que a arte traduz a vida por formas estéticas com o propósito de desvelar a essência das coisas. Se na efetividade a felicidade adquire caráter negativo e a dor “nos é dada imediatamente” (SCHOPENHAUER, 2015, §58, p.

370), é assertivo dizer que tal perspectiva também pertence à esfera metafísica da arte. Os elementos que permeiam o viver, a alegria, a tristeza, o tédio, etc., que tornam a existência humana um combate para atingir satisfações nunca duradouras, são os mesmos elementos que norteiam a obra de arte, como na poesia, e de mesmo modo, na música. Para Schopenhauer, os pequenos conflitos que compõem o caminho do herói, na poesia épica, criam expectativas para que ele realmente encontre seu fim na felicidade. E, após atingi-la, absorvendo-se em sua efemeridade, compara o seu pós-combate à sua situação inicial e descobre que nada mudou significativamente, portanto, foi enganado. De forma análoga à efetividade da vida, seu estado normal de inquietação foi o combustível para o combate visando a positividade ilusória da felicidade. Após a conquista, chega-se a um abismo pelo desapontamento do que esperava ser duradouro, confirmando a insustentabilidade de seu caminho. E por tal motivo, o poeta valoriza a trama épica em busca da felicidade, entregando ao herói reduzidas doses de esforços e alegrias, ou ainda desenvolve o caráter poético narrativo, evidenciando a natureza e sua beleza, alusão direta à felicidade autêntica da contemplação destituída de vontade, que foge da inicial condição de sofrimento. Nesses termos, há uma barreira intransponível para o exercício da felicidade autêntica, duradoura, na arte.

De fato, a felicidade autêntica e permanente é impossível, ela não pode ser tema da arte. Decerto o objetivo do idílio é a descrição de semelhante felicidade: mas também se vê que o idílio enquanto tal não pode se sustentar. Nas mãos do poeta sempre se tornará épico, e em realidade um épico insignificante, composto de pequenos sofrimentos, pequenas alegrias, pequenos esforços – caso mais comum; ou se tornará simples poesia descritiva, narrando a beleza da natureza, em outras palavras, o puro conhecer propriamente dito, destituído de vontade que em verdade é a única felicidade pura não precedida de sofrimentos nem de necessidades, muito menos seguida necessariamente de arrependimento, sofrer, vácuo, saciedade: todavia, essa felicidade não pode preencher a vida em sua totalidade, mas apenas momentos dela. (SCHOPENHAUER, 2015, §58, p. 372).

Notemos que a impossibilidade da máxima representação artística da felicidade reside no teor de autenticidade de sua mostraçã, e isso significa que toda arte que assim o fizer, com intenções de permanência, estará imbuída de um mascaramento da verdade dolorosa, sentenciada à negatividade em sua essência, e à positividade do sofrimento, totalizante e contínuo. Se o estado estético no sujeito puro do conhecer proporciona a verdade pela apreensão da essência do objeto, pela Ideia, e pela disposição do sujeito, mesmo que a inautenticidade desta arte mascare o sentido de permanência da felicidade, ainda assim é relevante e extasiante o seu caráter fugidio ante a ânsia de satisfação da pura vontade pelo intelecto emancipado, ciente da efemeridade do prazer estético. Noutros termos, o gênio que facilita a Ideia pelo belo de sua obra, tem ciência da impermanência da felicidade retratada, mas a obra a torna estática e permanente enquanto durar a disposição do estado estético do puro sujeito, que é inautêntico e impermanente tanto quanto à obra contemplada. Para o indivíduo comum, imerso no princípio de razão e insciente da impermanência da felicidade, anseia pela ilusória constância, e quando esta se esvai, há uma grande inconformação ao retornar ao estado normal, a positividade do sofrimento. Por outro lado, tanto o gênio ciente quanto o indivíduo insciente são

mantidos nesta isenção momentânea dos sofrimentos enquanto durar o seu estado estético, proporcionando a valorização voluntária desta ilusão benéfica.

No caso da arte musical, sabemos que, na melodia, transcorre a essência íntima do ser humano e da Vontade, e com elas todos aqueles elementos pertencentes às oscilações de suas vivências. Símile à trama do herói, que se afasta e se aproxima de sua condição inicial, a música, com sua variação melódica, que ora se afasta, por dissonâncias, e ora aproxima, por consonâncias, da base tonal ou tom fundamental, expressa a positividade do sofrimento, a negatividade da felicidade e o alívio momentâneo da vontade, chegando àquele referido abismo, e nada mais há de se fazer senão a sua finalização ou reconstrução; uma retomada para fugir da tediante condução pós-êxtase, na qual a flexão exigida não mais se atingirá.

Assim como o sistema tonal fisicamente e aritmeticamente perfeito é impossível, devido à irracionalidade dos números pelos quais os tons se apresentam, desviando a música de sua pureza perfeita (Cf. SCHOPENHAUER, 2003, p. 240), sua pureza, a nosso ver, também é afetada quando a felicidade autêntica e duradoura é pretendida na construção melódico harmônica. A felicidade desejada, ou melhor, a alegria pretendida pela melodia, em termos mais adequados, também possui caráter fugidio como as outras artes, em simetria com a própria natureza temporal, finita, e não pode pretender-se à permanência, somente à autenticidade, haja vista que nela ocorrem “os movimentos da vontade espelhados no domínio da pura representação, que é o cenário exclusivo das realizações de todas as belas-artes” (SCHOPENHAUER, 2015, tomo 2, cap. 39, p. 542). Por tal motivo, a experiência fugidia desta “alegria” estética é experienciada em sentido puro, assim como “a Aflição, a Dor, o Espanto, o Júbilo, o Regozijo, a Tranquilidade” mesmas, a essência delas, de forma mediata e sem os seus motivos.. Em suma, tanto no sentido físico das representações numéricas dos tons quanto na pretensão de expor uma alegria duradoura, há uma impossibilidade intransponível. O que é experienciado na música é autêntico no sentido puro da representação, adequado ao intelecto, ao puro sujeito do conhecer. No sentido da Vontade Mesma, em exercício no real, os sentimentos experienciados ocorrem de imediato; na música ocorre em sentido mediato, sem motivos. Símile ao trajeto do herói na poesia épica, a música, após tribulações, pequenas tensões e confluências, segue para um caminho objetivo para a confluência, distensionando-se até resolver-se, retornando ao tom fundamental.

Pelo todo apresentado, eis porque as artes, muito mais eficazmente a música, são capazes de arrebatá-los da totalidade dolorosa do mundo e nos libertar momentaneamente pela contemplação estética. A música, pelos privilégios de seu conteúdo diferente do que se apresenta por Ideias, como nas outras artes, e pelo paralelo metafísico com a realidade, com a natureza, regida pelo mesmo princípio anteposto e desocultado em sua constituição temporal, iça-nos para um mundo à parte, onde não há preocupações, nem desejos; é um mundo beatífico onde a satisfação, de natureza especial, encontra um pouco mais pureza e significação.

5 CONCLUSÃO

Filosoficamente, através do exposto schopenhaueriano, podemos inferir que a música ecoa no âmago do homem, em caráter fundamental, fazendo-se compreensível por uma linguagem expressa e direta. O ser da música converge com o ser do homem na instância metafísica, intuitiva, pré-reflexiva, tendo como fator

agregante a Vontade. A variação de seus elementos confluem-se com os movimentos da Vontade, podendo provocar alterações sentimentais, símile às vozes que estão para além dos conceitos e que coordenam os movimentos psíquicos, atingindo também, de forma direta, o outro lado da objetividade da Vontade: o corpo. Em nossas conclusões, a música é plenamente capaz de apaziguar o irascível que coordena o contexto metafísico do ser humano; ela transpõe o indivíduo aberto e livre da razão para patamares mais elevados pela experiência estética, e por mostrar-se na sua peculiaridade de ser a fiel expressão da essência íntima do mundo. Em adendo, ainda há um sobressalto da música instrumental sobre a música letrada. Diz-nos Schopenhauer (2015, §52, p. 303): “A arte dos sons efetiva-se como arte para além do intuitivo, sobretudo a música instrumental, por não “induzir” através dos conceitos existentes nas palavras que compõem a letra da música”.

Sua filosofia levou ao cume as possibilidades desta arte. Constatada a sua influência indiana e as várias práticas para alcance de estados elevados de consciência, muito difundidas pelos povos orientais (mantras, cânticos, música instrumental, hinos, etc.), encaramos como assertiva a compreensão do poderio da música sobre o corpo, sobre a mente e sobre o espírito, devidamente justificados. Nestes termos, a arte musical se torna um dos principais meios de supressão dos sofrimentos, fazendo-nos “esquecer” temporariamente a imensurabilidade das agruras existenciais.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo**. 1ª Edição. Editora Paulus, 2015.

BASTOS, Eduardo Reina. **A estética afirmativa em Arthur Schopenhauer**. Orientador: Douglas Garcia Alves Júnior. 2013. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia, Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufop.br/bitstreams/74e17272-584b-44cd-8a1f57fdd890d2e0/download>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BOSSERT, Adolphe. **Introdução a Schopenhauer**. 1ª Edição. Editora Contraponto, 2012.

BRUM, José Tomaz. **O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

BURNETT, Henry. A metafísica da música de Arthur Schopenhauer. **Revista Veritas**, Porto Alegre, v. 57, n.2, p. 143-162, mai/ago. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/8931/8802>. Acesso em: 05 nov. 2024.

CACCIOLA, Maria Lúcia. A contemplação estética: Schopenhauer e Mondrian. **Revista Dois pontos**. 11, n. 1, 2014. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/76de/bdc5e9b4ccc0c850e6d5ad9509a6615e9bbf.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

CAZNOT, Yara Borges. **Música: entre o audível e o visível**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

DA SILVA, Luan Corrêa. **Filosofia da música como filosofia primeira: o sentido metafísico da música em Schopenhauer**. Orientador: Prof. Dr. Jair Lopes Barboza. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30387027.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024.

DA SILVA, Luan Corrêa. Ilustrações para uma metafísica da música a partir de Schopenhauer. **Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer**. v. 1, n. 1, pp. 123-137, 1º semestre de 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/37201821/Ilustracoes.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2024.

DEBONA, Vilmar. **As formas da Razão no pensamento de Schopenhauer e a possibilidade de uma razão ético-mística**. Orientador: Prof. Dr. Jair Barboza. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <https://www.netmundi.org/filosofia/wp-content/uploads/2023/04/As-formas-da-razao-no-pensamento-de-Schopenhauer-e-a-possibilidade-de-uma-razao-etico-mistica.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.

GARCIA, André Luis Muniz. Sobre a dissensão com a metafísica da música schopenhaueriana: contextualizando a anotação 12[1] na filosofia do jovem Nietzsche. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 23-42, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/14055>. Acesso em: 10 nov. 2024.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução, textos adicionais e notas: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2020.

KIVY, Peter. **Estética: fundamentos e questões de Filosofia da Arte**. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2008.

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 5ª Edição. Editora Vozes, 2011.

MESQUITA, Fábio. **Schopenhauer e a filosofia indiana**. 1ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2023.

NASSER, Eduardo. **Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

OLIVEIRA, João Roberto de. **A música como superação do pessimismo na estética de Schopenhauer**. Orientador: Bruno Almeida Guimarães. 2013. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia, Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufop.br/server/api/core/bitstreams/bee42033-c86b-48c1-801e-6a0073b47668/content>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barbosa, 2ª edição. Tomos 1 e 2. São Paulo. Editora UNESP, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo**: o amor – a morte – a arte – a moral – a religião – a política – o homem e a sociedade. Tradução de José Souza de Oliveira. São Paulo: Editora Edipro, 2014.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Belo**. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica da Natureza**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2023.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente**. Tradução e apresentação Oswaldo Giacoia Jr. e Gabriel Valadão Silva. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2019.

SILVA, L. H. da, & Pessi, D. **Música e transcendência**: um olhar a partir da filosofia de Arthur Schopenhauer. 2020. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Filosofia da Instituição de Ensino Superior Sant'Ana, Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <https://www.iesa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/2230/938>. Acesso em: 09 nov. 2024.

WEIGSDING, Jessica Adriane; BARBOSA, Carmem Patrícia. Influência da música no comportamento humano. **Arquivos do MUDI**. v. 18, n. 2, p. 47-62, 2014. Disponível em: <https://www.meloteca.com/wp-content/uploads/2018/11/a-influencia-da-musica-no-comportamento-humano.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

ZÖLLER, Günter. A atividade propriamente metafísica do homem: Nietzsche e a justificação estética da existência do mundo. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n.13, p.71-83, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/561/517>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ZÖLLER, Günter. A música como vontade e representação. **Cadernos de Filosofia Alemã**, São Paulo, n.16, p. 55-80, jul/dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64820>. Acesso em: 15 set. 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, D. Nita e Sr. Nal, e a meus irmãos de sangue, Niesio Adriano e Natália Adriano, pelo apoio incondicional ante a minha ousada e difícil escolha pela Filosofia.

A meu amigo de jornada acadêmica Roberty Filho pelo apoio, aos também graduandos Maria Betânia, Rutênio Araújo, Luís Guilherme (Joca), Beatriz Moura, Ana Clara e Jason Medeiros por suas contribuições.

Agradeço calorosamente ao Prof. Dr. Eduardo Nasser, que proporcionou o meu primeiro contato com a filosofia schopenhaueriana, ao Prof. Dr. Sandro Sena, que inspira todos nós com suas aulas magníficas, e especialmente ao Prof. Dr.

Thiago Aquino, por suas aulas inspiradoras e também por aceitar a minha orientação acadêmica, desde o PIBIC até a conclusão de curso.

E, finalmente, agradeço a Schopenhauer pelo seu legado filosófico e por causar profundas mudanças em minha compreensão da existência, da arte, e especialmente da música.